



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

Tomeji Ito

(entrevista)

São Paulo, SP

2005

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

Número da entrevista: E-959

Nome do/a entrevistado: Tomeji Ito

Local da entrevista: São Paulo, SP

Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Data da entrevista: 19/05/2005

Transcrição: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Copidesque: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Revisão: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa de termos: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 2 hora e 30 minutos.

Páginas Digitadas: 58.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

** Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 09 de março de 2021.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: ITO, Tomeji. Entrevista com Tomeji Ito concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 19 mai 2005, 61 p.

SUMÁRIO

Discriminação no Japão; Religião e filosofia no japão; Vida na fazenda e mudança para a cidade; Imigração para o Brasil; Prática de Karatê; Luta livre em São Paulo; Taekwondo em São Paulo; Artes Marciais e esporte; Técnicas de karatê; Questões de saúde; Homenagem; Faculdade de Psicologia; Período da Ditadura militar; Formação como Mestre de Karatê Shotokan; Prática nos Estados Unidos; Aumento de alunos na década de 1970; Questão do Conselho Profissional de Educação Física; Karatê e esporte.

São Paulo (SP), **19 de maio de 2005**. Entrevista com Tomeji Ito (**T.I.**) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (**F.M.**) para a pesquisa “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

T.I. – No Japão já existia esse tipo de discriminação por que ele era okinawano, o mestre Funakoshi e não era bem visto pelos olhos japoneses, por que na época já existia o judô, né? No Japão.

F.M. – Isso mais ou menos...

T.I. – É... 1906, mais ou menos por aí. É. Que ele foi pro Japão, né? E houve essa demonstração primeiro seis meses. Houve uma demonstração no Japão, no... Inclusive eu esqueço o local onde ele realizou a demonstração e foi muito bem aceito pelos praticantes de judô e outras artes marciais e ele ficou muito amigo do professor Jigoro Kano de judô e os dois conversando, os dois tinham os mesmos ideais, né? Apesar do preconceito que tinha acabou se tornando grande amigos. Então o professor Kano Jigoro convidou ele, como ele também era pobre morar lá num templo Japão, budista, né? E convidou o Funakoshi morar junto lá no templo mesmo, por que pensamento era iguais, era paz, ensinar educação e que todo povo devi se unir, como nosso Cristo Jesus também disse, “amai-vos uns aos outros”, né? Eles tinham já isso dentro do coração ele então, ele falou: “é isso que nós precisamos”. Não discriminar. Então o que aconteceu? Os dois se tornaram grandes amigos. Só em 1916 houve uma demonstração grande do mestre Funakoshi já com alguns adeptos que estavam treinando com ele na igreja e só aí que foi aceito dentro da... Da... Como é que se diz? Da convivência do país Japão.

F.M. – Esse seu mestre ele era cristão?

T.I. – Não, não era cristão, era budista mesmo. Então o quê que acontece? O cristão só muito depois que entrou no Japão. Então o que aconteceu? Mas, Japão como foi um país muito sofrido, muitas guerras, muitas transações, então criou-se... O autor não sei quem foi que criou *zenjo shin koromishi*, quer dizer, “devoção total do seu ser para com o próximo”,

sempre viver em paz e harmonia com todo mundo aonde que estejas em situação que acontecesse, dentro da família, no estudo, nos jogos, brincadeiras, né? Então mesmo indo para a guerra ele não tinha que mudar, não poderia mudar sua atitude de levar o negócio a sério, ir avante, mas sempre com aquela paz interior. Por que antigamente usava-se espada, era uma guerra de corpo a corpo, né? Então quando o sujeito ia cortar o outro, japonês começava a sentir, não todos, né? Mas alguém que já treinava algum arte marcial que já era ensinado esse *zenjo shin koromishi*, então fala: “que pena, eu tenho que cortar um que não me conhece eu não conheço ele. Não é meu inimigo, mas se eu não cortar ele, ele vai me cortar”. Entende? E esse ficou gravado até...

F.M. – Esse princípio é de alguma filosofia do Japão?

T.I. – Exatamente. A princípio japonês por causa que povo sofria muito sobre essas coisas, então vivia apavorados, né? Com medo das coisas, muita preocupação, aflição, né?

F.M. – Entrevistando um outro mestre de outra arte marcial ele falou muito da influência do xintoísmo...

T.I. – Isso! Xinto é a religião principal do Japão, do imperador mesmo, mas hoje praticante também existe bastante, mas existe mais é o budismo mesmo.

F.M. – Mas, esse princípio de harmonia com o próximo ele é originário de qual filosofia, do xintoísmo, do budismo...

T.I. – É do xintoísmo. Do xintoísmo, é. Porque o Zen budismo também entra bem depois. É. Porque já existia essa palavra *zenjo shin koromishi* devido o sofrimento o povo, né? Não sabia qual hora que eles eram atacados, a famílias era devoradas pelo adversário. Então o que acontece? Criou-se essa atitude dentro onde quer que esteja, aquela paz interior, né? Daí que nasceu então fizeram inclusive uma estória do mestre Nakayama, que foi aluno direto do mestre Funakoshi. O americano fez uma pergunta pra ele, mesma coisa que você está fazendo pra mim. Como é que o povo japonês aprendeu a viver em paz? Então vem dessa palavra, mas para a juventude japonesa era um pouquinho difícil pra entender, então daí é que entra... Nesse ínterim veio a filosofia do Zen-budismo da China para o Japão, isso

veio reforçar aquilo que já tinha no Japão *zenjo shin koromishi*, estar em paz consigo mesmo em todo momento da sua vida, entende? Então foi o que aconteceu. Ai veio essa filosofia da China do Zen-budismo por que hoje nós vemos, mesmo naquela época já existia assim, sob a influência do Zen-budismo para com a arte marcial do Japão. Então Nakayama diz que não é exatamente essa filosofia, por que já existia essa filosofia dentro do Japão que é o *zenjo shin koromishi*, só que veio reforçar para que juventude entendesse mais um pouquinho a paz interior, perder o medo, preocupação, aflição, ansiedade, nada disso. Não adianta correr quando o inimigo está atrás de você é melhor enfrentar ele. Então acabou essa entrevista dizendo que *zenjo shin koromishi* existiu e vai existir sempre no Japão. Mas não são todos, eu vou dizer uma passagem. Eu fui pro Japão em 1992, depois 60 anos eu fui pro Japão, né? [risos] E tem pessoa que eu conheci já aqui no Brasil meio japoneses que vive em outro país que são totalmente contrário, são sabe?... Trata a gente como um animal, né? Fala que coisa incrível, já tinha essa filosofia na minha cabeça, né? Aí eu falei: “não faz mal”. Falando comigo mesmo: “não faz mal que a pessoa destrata, eu faço a minha parte, ele faz a dele, eu faço o meu melhor que posso, deixa ele fazer o dele”. Mas no meio também existiu esse preconceito. Veja bem, nós estamos falando preconceito, você pediu pra falar preconceito aqui no Brasil e eu vim do Japão, voltei para o Japão e teve muito preconceito. No início quando eu fui pro hotel, lá em Tóquio aí cheguei totalmente desconhecido, você é brasileiro, não tem vez, né? Como diz.

F.M. – Você quando foi pra lá você se sentia mais brasileiro ou mais japonês?

T.I. – Mais brasileiro, eu sou mais brasileiro que japonês, né? (risos)

F.M. – Por quê?

T.I. – Por quê? Porque não sei, mas a minha natureza é assim. Mas sempre gostei das pessoas sempre gostei de paz, não quero saber de encrenca com ninguém, nem poder, nem dinheiro. Deus é meu criador, como é criador do mundo é meu criador, então ele sabe da minha vida. Aí, no dia eu tava com muito dinheiro no bolso e cheguei lá paguei tudo adiantado, dez dias são dez mil dólares. Aí o que aconteceu? Japonês ficou assim olhando, “puxa vida, né?” “Brasileiro vem aqui pra trabalhar pra ganhar dinheiro, esse camarada chega com tanto dinheiro aqui? Alguma coisa tá errada!” Em todo caso me um hotel,

apartamento muito bom. No dia seguinte quem aparece? Secretário da Federação Japonesa de Karatê, né? É o mestre Wakabayashi. Depois daí você vê como mudou o pessoal do hotel desde a portaria só faltava me carregar direto pro apartamento. Falou esse homem tem valor. O secretário, 1º. Secretário da Federação Japonesa veio aqui cumprimentar ele, no dia seguinte ele veio trazer presente, camisa do Japão, né? Então você via a mudança total do pessoal do escritório, sabe.

F.M. – Mais então o senhor chegou, o senhor chegou no hotel com o passaporte brasileiro...

T.I. – Brasileiro.

F.M. – Ah.

T.I. – Então você vê...

F.M. – Mas se fosse o caso o senhor poderia tirar os documentos em Japonês.

T.I. – Posso, posso, posso. Mas eu não quis não. Não, eu sou brasileiro, não, não tenho outra cidadania, né. Eu poderia, mas não preciso. Aí o que aconteceu? Nesse mesmo hotel, eu tava descendo de elevador e tava quatro rapaz assim... cabeça tudo baixa, assim, disse: esse pessoal aqui não é tipo japonês não. É do Brasil. Conversei: Ceis são brasileiros? Falaram: Nós somos brasileiros. E porque vocês tiveram cabeça tudo baixa, assim né. Sabe. Vocês não deve nada pra esse povo. Vocês vieram aqui cumpro uma obrigação... trabalha pra vocês ganharem. Então você não tá devendo nada rapaz, levanta essa cabeça, né. Não. Aí perguntou: o senhor é brasileiro? Eu falei: eu sou brasileiro, moro em São Paulo, na Vila Mariana. O cara fala assim: eu não acho o senhor (risos), o senhor não é brasileiro não, eu acho que o senhor é japonês (risos). O senhor vê a mudança do pessoal, né. Falei: eu sou brasileiro com muita honra. Naturalizado, mas sou brasileiro. Depois daí que o pessoal começaram a sorrir um pouquinho mais sabe. Falei: não tem que abaixar a cabeça pra ninguém. Você abaxa a cabeça, assim, por educação né, respeito mas pela vergonha, porque você tá aqui no Brasi... no Japão trabalhando ... não tem que passa vergonha. Eles são igualzinho a você, não tem diferença nenhuma, tá bom? Ce não pode

ser discriminado assim e nem você vai discriminá os otros depois né, tem que ser assim. Agora, voltando aqui no Brasil eu vim no navio Manimanaro em 1933 com 8 anos de idade.

F.M. – Deixa eu só... é, é... então o senhor nasceu em?

T.I. – Miagui.

F.M. – Miagui..

T.I. – Japão é... Sendai. Chama-se Tamas Curibum, é um..., lá é um Miagui...

F.M. – É a, é a ilha maior ou...?

T.I. – Não era a maior. Hoje tá sendo um dos maior né. Então o seguinte... lá, Miague, é muito conhecido pelas montanhas e tem os homens fortes dá arte marcial lá no Japão. Tanto no judô... judô antigamente era [trecho incompreensível, provavelmente em japonês], Iarai era Ju Jitsu né. Sumo... todas essas coisas era, é, lá do do Miague que saiam os homens mais fortes, por causa das montanhas. Por causa da dificuldade de ...

F.M. – Mas era no Munchu... na ilha grande?

T.I. – É, no sul, é, Ok? Então o que aconteceu... eu vim aqui pro Brasil em 33, desembarcamos num em Santos...

F.M. – Que ano o senhor nasceu?

T.I. – 1925.

F.M. – 33 veio pra cá.

T.I. – É. 33 vim pra cá. Com promessa do governo japonês que em dois três anos vocês voltariam pro Japão rico né. Esse era o [risos]... como diz por aí a maravilha né. Aí meus pais...

F.M. – Veio com seus pais né.

T.I. – É. Vim com meus pais. E...

F.M. – A atividades do seus pais no Japão era...

T.I. – Lavora mesmo. Não tinha muita mais lavora né. Então o que acontece... fui mandado pra Barretos. Em Barretos numa fazenda chamada Turbo, ou Thurba... Turbo. É Barretos. Vou fala pra você... os negros, todos andavam nus e com uma lança na mão, tipo escrevo mesmo né. E nós fomos lançado em uma, como você já viu aqui... tipo cabanas, né. E todo mundo foi enfiado lá dentro pra mora né. Sabe. Existia sim divisão de quartos cada mas praticamente éramos, é...é..., com escravos. Quando é quatro, quatro e meia da manhã já vinha a corneta tocá-la. Não pode fica ninguém dentro de casa. Tem que saí todo mundo, em fila indiana e vinha o representante de cada grupo e assim: Vocês vão pra cidade, vocês vão pra qui. Cada um com sua... com seu lugar de trabalho, né. Entende. E nós vamos criando assim. E lá existia uma, como chama, discriminação, os índios, os índios não são escravos, os negros né. Curtiam o lar que moravam. Eles tinham uma cabana mas era tudo muito imenso lá, não tinha divisão. Não era, não acho que eles eram tão ruim porque eu era pequeno e vivia no meio deles, né. Nunca...

F.M. – Existiam negros ainda como escravos no acampamento:

T.I. – Como escravos, como escravos.

F.M. – Vocês recebiam dinheiro, eles também recebiam?

T.I. – Não sei se recebiam. Nós tinha que trabalha como escravo mesmo, né.

F.M. – Vocês trabalhavam muito parecido como escravos, mas vocês recebiam por esse trabalho.

T.I. – Recebia. Recebia sim.

F.M. – Será que os negros recebiam também?

T.I. – Não sei também, acho que não viu. Porque eles não trabalham né. Eles não trabalhavam.

F.M. – Ah, não?

T.I. – Não. Eles viviam de caça só.

F.M. – Ah, eles ficavam encostados na

T.I. – Nenhum trabalho.

F.M. – Mas também não tavam preso...

T.I. – Não, não. Nada de coisa assim. Nem acorrentado, nada disso. Mas sofriam muito.

F.M. – É como se tivesse... como se fosse os mendigos dentro da própria fazenda.

T.I. – Isso, isso. Tudo magrinho, desnutrido, né. E nó aprendemos a convivê ... não falava nem um poquinho português, aprendi lá a fala alguma coisa que não tinha... é... Japonês era só nós que entramos falando. Mas morria gente todos os dias.

F.M. – Dá colônia japonesa?

T.I. – É. Nós somo vacinado quando vem do Japão, mas existia aqui uma malária que não sei se é...

F.M. – Lá em Barretos tinha malária?

T.I. – ... mas morria todo mundo. Dava aquela febre alta, morria um...

F.M. – O senhor já saiu alfabetizado do Japão?

T.I. – Já saí.

F.M. – Sabia escrever e falar japonês?

T.I. – É, é. Sabia.

F.M. – Aí chegou aqui...

T.I. – Aí cheguei aqui, não tinha nada pra fazê, né.

F.M. – Não tinha escola pra te ensina português também.

T.I. – Lá é totalmente abandonado mesmo, né. ... como você sabe, hoje nós temo muito habitante, mas lá é..., pra você encontra uma pessoa na fazenda, você tinha que andá meio dia pra encontrá uma pessoa, né. Era difícil sabe.

F.M. – E era café?

T.I. – Café. Café, arroz né, tudo né. E muita cobra viu.

F.M. – Muita cobra?

T.I. – Muita cobra, muitas serpentes mesmo né.

F.M. – E, e os membros da colônia japonesa morriam por conta da malária.

T.I. – Por conta da malária. Atacavam uma febre alta, dor de cabeça violenta. Criança morria assim.

F.M. – Tava num dia, no outro dia tava ruim?

T.I. – Não tinha como salva, né.

F.M. – E o fazendeiro também não tava nem aí?

T.I. – O fazendeiro não tava. Nem, nunca ví o fazendero, né.

F.M. – A cê nunca viu?

T.I. – Nunca vi fazendero. Eu vi lá um, um representante da colônia. Que era um japonês que se chamava de, de chamado de fiscal, né, que olhava japonês. Mas não tinha como, é, como ele representá todo povo, né. Até que quando nós saiu ele já não tava mais lá. Então nós somos totalmente abandonado. E metade da colônia... nós ficamo um ano lá. Graças a Deus na minha casa ninguém ficou doente, sabe.

F.M. – Veio você, seu pai e sua mãe?

T.I. – Eu era caçula.

F.M. – São só os três? Não, veio mais um irmão?

T.I. – Veio. São: meu pai, minha mãe e três irmão, né. Quatro irmãos aliás: Paulo, Roberto, Mauro e eu.

F.M. – Brasileirados os nomes?

T.I. – Não, depois nós batizamos, depois fomo pra São Paulo.

F.M. – Ah...

T.I. – [risos]

F.M. – Depois que, pois nome aqui. Mas originalmente...

T.I. – Yoshitaka, ... tudo nome antigo, né

F.M. – Ah.

T.I. – Haru, é nome tunísio e ...

F.M. – Então o senhor também tem nome português?

T.I. – Tenho. Não, é só batizado, só em batismo.

F.M. – Ah tá.

T.I. – Não tenho registrado.

F.M. – Ah tá.

T.I. – Meu nome é Carlos, né. E o que acontece? Esse, quando nós saímos de lá, saímos de lá no caminhão, não tinha nada pra carrega, apenas só ropa do corpo.

F.M. – E quanto tempo é da fazenda na cidade?

T.I. – Ficamo um ano lá.

F.M. – Um ano?

T.I. – Era um contrato de um ano.

F.M. – Era contrato de um ano?

T.I. – É. Porque não agüentava mais fica lá, né.

F.M. – É, porque alguns japoneses que tinham vocação pra lavoura, mesmo depois de terminado o contrato ...

T.I. – Ah é.

F.M. – ... compraram uma terrinha...

T.I. – Isso. Ficaram. Por exemplo, o caso da família da minha esposa. Morava em Marília, né. então eles tiveram sorte...

F.M. – Marília fez uma colônia ...

T.I. – É. Fez uma colônia. Agora, onde eu fiquei não tinha colônia. Lá a terra onde eu morrei em Bebedouro, onde eu consegui morar, é terra de cascavel, sabe. Só cobra cascavel. Agora no Barretos tinha todo tipo de serpente. Inclusive aquele largatinha que a gente viu hoje pequeno assim era lagartão, né. De metros né. Mas não avançavam não viu. Avançava se você fizesse mal pra eles. Então, e, depois em Bebedouro já tinha poça discriminação. Por quê? Existia muito baiano, né e pouca gente assim brasileiro mesmo é, branco né. É tudo mais ou menos moreno né, são pessoas que não tem letras. Não sabe escrevê nem lê né.

F.M. – Bebedouro isso?

T.I. – Bebedouro.

F.M. – Isso aí em trinta e cinco mais ou menos?

T.I. – É. Trinta e quatro, trinta e cinco, é. E lá no Bebedouro, nós tínhamos a escola. Era poço né. Então todo mundo frequentava. Ali nós encontramos o italiano, os espanhóis,

portugueses, né. Que quando acho que foi início da nossa carreira, né. Pra aprender a língua portuguesa.

F.M. – Com dez anos de idade?

T.I. – Com dez anos.

F.M. – Até então nada de Karatê na sua vida?

T.I. – Nada de Karatê. Aí quando foi em 38, nós viemos pra São Paulo. Aí em Bebedouro, vou falá pro cê, não teve discriminação.

F.M. – Mas teve... qual foi a atividade de sobrevivência?

T.I. – Lá em Bebedouro?

F.M. – É.

T.I. – É cafezal, café mesmo.

F.M. – Mas trabalhava na fazenda ...

T.I. – Na fazenda.

F.M. – O senhor morava na cidade ou na fazenda?

T.I. – Na fazenda mesmo. Tinha uma colônia que chamava-se velha, que era antiga construção, tábuas, tudo tábua, né. E desse lado que nós recebemos é, chama-se colônia nova. Porque tudo era, como chama? Tijolo né? Como chama?

F.M. – Alvenaria.

T.I. – Alvenaria, hoje, né. Então era muito bem. Mas o que dava medo nas fazendas eram cobras, que você ia dormir, é, tinha uma cobra [risos] de baixo..., em cima da cama [risos]. Era terrível viu. Ce não podia pisa nada em falso, né (risos).

F.M. – E, e a comida nesse tempo?

T.I. – Ah, pois é, a comida era totalmente diferente, né. Comemos só coisas brasileira. Mas como o arroz é igual, né. Cuzinhava ...

F.M. – Deixava só no ponto mais ou menos que vocês gostam mais né.

T.I. – Isso, isso mesmo, é. Até que nós viemos pra São Paulo em 38, ainda tava a Revolução aqui em São Paulo, né...

F.M. – É.

T.I. – Por exemplo aqui, era só paralelepípedo. Da Luiz Góis pra lá era terra vermelha. Não tinha nem paralelepípedo. E o único trânsito que tinha aqui era bonde. Ida e volta, né.

F.M. – Aqui já era o fim da cidade?

T.I. – Era o fim da cidade. Aqui ó, ... era Cine Fenis. E o Ana Rosa era o Cine Cruzeiro. Daqui foi pra lá. Veio Cine milho veio tudo pra cá, porque mora muito judeus pra cá.

F.M. – E os judeus que abriam esses cinemas?

T.I. – Era isso mesmo, é. Essa Rodrigues Alvez por exemplo é da família Escalamese. É tudo uso Capião, ninguém gastou dinheiro nenhum [risos] não.

F.M. – Só chegou e tomou posse e...

T.I. – Tomou posse e cabô. Ce vê que as casas são mais ou menos tudo parecida, né. Mas aqui em São Paulo, também houve discriminação. Quando nós viemos, nós viemos pra Liberdade e, sabe, logo depois começou a Segunda Guerra Mundial, né...

F.M. – Sim.

T.I. – E todos nós que morávamos na Rua Punho Sazedá, tivemos que mudá tudo pra até onde tô hoje, Saúde. E foi bom, né, porque ali...

F.M. – Vocês tiveram que sair da Rua Sazedas? Foram obrigados?

T.I. – Fomos obrigado por causa da guerra. Japonês, italiano e alemão era se fala Terceiro Reich, né? Que fala né?

F.M. – Humru

T.I. – É. Ficava somente o, os que tava do lado do aliado podia morá lá. Agora japonês, alemão, italiano eram todos...

F.M. – Mas é, mas tem gente, depois voltaram? Alguns japoneses?

T.I. – Voltaram, voltaram. Tem algumas livrarias que ficaram lá, né. Tem muitas livrarias, muita casa de comércio lá na Liberdade.

F.M. – É.

T.I. – E, mais na Segunda Guerra Mundial, mudamos tudo pra cá e muito judiado na época da Guerra.

F.M. – Na rua o pessoal te...

T.I. – Na rua, na rua mesmo. Naquela época que a gente era chamado de quinta coluna não era?

F.M. – humrum

T.I. – Chamavam o japonês, alemão e o italiano de quinta coluna. Era discriminado, judiado. Coitado dos velhinhos e das velhinhas, viu.

F.M. – Ah é?

T.I. – A é.

F.M. – Por que não podia se defender, né, não tinha como, né?

T.I. – É. A criançada corria, né [risos].

F.M. – Então nesse tempo, escola nem pensava né.

T.I. – Ah, escola nem pensa, né. A gente ia, brigava na escola. Um dia a gente foi obrigado a aceitar que nossos pais eram: não brigue porque vocês [palavra incompreensível] mesmo.

F.M. – Seus pais falavam isso?

T.I. – É. Tavam Não faz mau, você tem que bancar que nem o Cristo, levou um tapa no lado, dá outra face pra bater, por que se não? Já viu, vocês vão sofrer muito, né.

F.M. – É, e não tinha escolha né. Por que ir no Japão não era opção né, ainda mais na Guerra né.

T.I. – É (risos) é verdade. Então a sofreu esse, depois da Segunda Guerra Mundial, mudou muito, né. Porque você vê, japonês não podia casar com brasileiros. Por quê? Quem falou? Quem fez eu não sei, né. Então, na época da Guerra eu namorava uma americana, que eu era atleta lá no Tietê, né. E...

F.M. – Atleta do que?

T.I. – Eu praticava ginástica olímpica.

F.M. – Ah.

T.I. – Sempre gostei de ...

F.M. – Começou aqui em São Paulo mesmo?

T.I. – Comecei aqui em São Paulo. Agora, judô eu comecei no Japão, né. Com três anos eu já fazia. Né. E, kendo, sumo tudo essas coisas a gente fazia quando era pequeno.

F.M. – Lá no Japão.

T.I. – É. Aqui em São Paulo vim pra apreifeioá, vim pra estudá mesmo, não pra trabalhá, né. Mas a situação do meu irmão não era muito boa, aí a gente tivemos que trabalhá mesmo. Dá duro pra vive.

F.M. – Quando chegaram, no Bra..., em São Paulo, a atividade de sua família...

T.I. – Da minha família, meu irmão já estava aqui. Meu irmão...

F.M. – Ele veio primeiro então?

T.I. – Veio primeiro. Montou um a tinturaria e nós trabalhamos com ele, né.

F.M. – Aí a tinturaria acabou dando dinheiro pra família toda.

T.I. – Isso, acabou dando dinheiro pra família toda. Hoje não tenho meu irmão viu? Falecido já né.

F.M. – Hunrum. E onde era a tinturaria?

T.I. – Era na Rua Belém. Antigamente era na Rua Visconde do Parnaíba, depois passou pra Rua Belém. E, acho que foi o último. Só que cada um começou a ter vida própria, né, mas na mesma área. Todos empregados de tinturaria. Eu também fui um. Trabalhei em escritório. Comecei estudar, tive que abandonar por falta de condições mesmo, né. E a minha parte foi assim, sempre praticar um esporte. Então sobrevivi. Tô até hoje aqui né, e a minha vida foi mais ou menos assim tribulada, mas venci. Graças a Deus nunca quis poder, nunca quis ser mestre, sempre quis ser tralhador e praticante de alguma coisa né. Pra viver bem com todo mundo.

F.M. – A sua escolaridade foi até que ano?

T.I. – Aqui?

F.M. – É.

T.I. – Foi até Universidade.

F.M. – Terminou a Universidade?

T.I. – Fiz psicologia.

F.M. – Mas chegou a trabalha?

T.I. – Não, não. Fiz a psicologia pra mim mesmo. Gostava dessa área.

F.M. – Mas quando que foi?

T.I. – 1967 eu fui pros Estados Unidos. Fui sessenta... sessenta e quatro me formei e sessenta e sete, recebi um convite da igreja ... [Trecho inaudível] do Japão, pra fazer um concurso, né. E passei no concurso. E passei em lugar muito bom, Califórnia, e era um lugar que eu queria conhecer. Califórnia, não sei porque Califórnia é, eu gostava desse nome desde pequeno. Califórnia, né. Certo. E caiu justamente em Califórnia. Então eu fiquei Los Angeles, fiquei três anos , é, Fiquei San Francisco, Sacramento. Depois

terminado, pra Las Vegas que a gente recebe um prêmio assim né. Naquele tempo em Las Vegas, não existia policial, não sei se você sabia, existia os gambistas, a máfia a que tomava conta tudo aqui. Era maravilhoso viu. Não tem, como diz, uma, é um policiamento. Mas ninguém saía fora do sério. Porque se fizesse mau, no dia seguinte não aparecia mais [risos]. Desaparecia o sujeito.

F.M. – Mais ou menos como acontece nas favelas hoje.

T.I. – Isso [risos].

T.I. – E aqui no Brasil, por exemplo, hoje mudou muito, né. O Karatê antigamente, quando eu comecei em 1950, anti... antes já tinha começado cum o professor de okinawano que chamava Osawa né.

F.M. – Mas aqui no Brasil, né?

T.I. – Aqui no Brasil. Só que não tinha uniforme ...

F.M. – Sempre São Paulo?

T.I. – Sempre São Paulo. Um calção preto e uma camiseta branca, só.

F.M. – Primeiro contato com o Karatê foi aqui em São Paulo?

T.I. – Foi aqui em São Paulo. E treino um pouco tempo. Só tinha três okinawano e eu só, que praticava. É totalmente diferente o movimento que nós fazemos hoje né.

F.M. – Era Karatê, oki ... okinawatê

T.I. – Era okinawatê.

F.M. – Não era, não era nem shotokan nem chorinho de rua.

T.I. – É. Era uma arte, é, totalmente diferente entende. Mas eu falei, em todo caso como eu gosto vamo praticá, né. E todas essas coisas foi muito bom pra mim, porque eu conhecia as pessoas. Eu conhecia as pessoas.

F.M. – Tinha muito brasileiro nessa época, ou não?

T.I. – ...

F.M. – ... só japonês?

T.I. – Só japonês.

F.M. – Na liberdade?

T.I. – Na liberdade. Ainda vou contar uma história pra você, já ouviu falar em Roberto Luma? O homem mais forte do mundo?

F.M. – Não, não ouvi.

T.I. – E eu era garoto ainda, era faixa, não sei se tinha chego faixa marrom ou não, porque antigamente no judô não existiam faixas né.

F.M. – É

T.I. – É branca, marrom e preta, né

F.M. – Humrum.

T.I. – E o Roberto Luma é o homem que nunca teve, que nunca baixou a cabeça pra ninguém. Porque ele é o homem mais forte do mundo, vocês eram obrigado a baixar a cabeça pra ele, como ele contava pra gente. Ele falava muito casteliano.

F.M. – Ele era de origem espanhola?

T.I. – Não, Roberto Ruma é, olha se eu não me engano era árabe ou judeu, um desses dois. Mas é fato que ele arreventava, como chama? Cabo de aço é, como chama? Cano de aço assim...

F.M. – Humrum.

T.I. – A moeda assim, ele fazia com o dedo assim. Estrangulava todo à mão limpa né. Aí nós tá fazendo judô, aí o..., ele veio até nossa academia, nossa academia era modesta pois os nossos professores, os alunos, alguns os mais antigos, de mais idade, que construíram a academia, né. Não tinha..., era só é, como chama? Tronco de árvore, tábua em cima e punha um, a esteira, o tatame, né. Não tinha nem vestiário nem nada. Era quatro paredes só. E, trocava de roupa ali mesmo, tudo, e, então ele veio porque tinham, ele tinha ouvido falar que tinha um japonês muito bom no judô. Ele veio e quis fazer uma luta com o nosso professor, sabe. O professor Kikute. Já tinha 60 anos. E ele... ele não abaixava a cabeça mesmo. Falava pra nós. O nosso professor, ele não falava bem o português, né. Quando trocava, ele troco roupa e diz que estrangulava touro. Então tá bom. Então estrangula meu pescoço. E o mestre deu o pescoço pra ele estrangulá. E não conseguiu, né.

F.M. – Ah é?

T.I. – Ele falou, mandou falar né. Que ele é muito forte, forte mesmo, mas só o custo não basta na questão, né. Ele falou: agora você deita, eu vou te estrangular né. Com uma mão só, tum. Ele desmaiava, né. Aí ele punha a, a, o ... volta a ressuscitar o sujeito.

F.M. – Humru.

T.I. – Pra respirá novamente, né. Tá vendo, você desmaiou. Falou: como assim? Pois é, né. Aí mostrou, tem os outro aluno que mostrô como se arruma pra si estrangula a pessoa. Diferente du ... Então você não é o homem mais forte do mundo. Eu tenho 60 anos, você ainda jovem e forte, né. Que rebenta, que entorta aquele negócio de aço aqui, né. As vez você não é bem o que. Aí, aí ele queria baxá a cabeça e não queria abaixa a cabeça (risos). Então o que aconteceu? Ele falou: posso vir treinar com o senhor? Pode. Aí ele trouxe

quimo no dia seguinte e começô a treinar, mas ele não faltava um dia. Mas sabe, ele apanhô, mais ele levou uma surra, levou uma surra.

F.M. – Isso Judô aqui em São Paulo?

T.I. – Judô aqui em São Paulo. Na Rua Toril. Aí ele apanhô tanto, apanhô tanto que doía, que não sabia onde não doía.

F.M. – Nisso você já tava morando na Saúde?

T.I. – Já, já. Aí o que aconteceu? Aí ele...

F.M. – Foi depois da guerra? Tudo isso depois da guerra?

T.I. – Depois da guerra, é. Depois da guerra.

F.M. – O Karatê foi também depois da guerra?

T.I. – ... 1950. É. Porque começo em 50 aqui em São Paulo. Aí como eu diria assim. Aí o Roberto Ruma pela primeira vez chorou, abaixou a cabeça e falou: óia... Ficou um ano com a gente. Ele entrá no ringue e fazer luta livre, naquele tempo existia é, o, luta livre, não é luta livre comum né, é luta mesmo pra... Mas era marmelada também, porque tinha muita marmelada, né. Mas ele como era o homem mais forte do mundo e aprendeu muito o judô com nosso mestre, ele começou a ficar muito bom. Depois de muito tempo, ele voltou pra terra dele e voltou bem mais humilde. Aí que ele foi aceito pelo governo dele ... como membro. E o nosso mestre recebeu uma honra grande do, do, do governo, do rei, naquele tempo era o rei, hoje não sei como é que está. Então, agora, essa parte foi muito bom. Agora nosso karatê ...

F.M. – Só volta um pouquinho, no momento em que a gente parou anteriormente. Você estava falando que foi pros Estados Unidos. Foi pros Estados Unidos trabalhar exatamente com o que?

T.I. – Ah, não. Eu fui para estudá parapsicologia. A Pós-graduação.

F.M. – Ah.

T.I. – É.

F.M. – Ah.

T.I. – Isso.

F.M. – Foi lá?

T.I. – Isso, fui convidado pela Deratiscai do Japão. É.

F.M. – A Faculdade que o senhor fez aqui foi aonde?

T.I. – Foi USP. É. Aí eu peguei, de lá, né, o Deratiscai, o o mestre, ele era, como se fosse logo abaixo do papa, né.

F.M. – Bispo?

T.I. – É tipo bispo mesmo, é. Nome dele é bispo Almeida. Bispo Kishida, Kishida Eiza. Era conhecido como pai de lá.

F.M. – Era uma igreja como se fosse essa Igreja evangélica ...

T.I. – Mais ou menos, é. Né. E, ele gostou da minha pessoa, foi engraçado quando eu vi, quando eu encontrei com ele dava a impressão que eu já conhecia esse homem não sei dá onde, né. Não sei dá onde. Nós nos indentificamos muito bem e fiz o concurso, ... papelada em inglês e japonês e passamos. Aí passei, fui pra Califórnia, é, fui fazer Pós-graduação. Sofri bastante, me diverti bastante também porque, você sabe como são os americanos né, eu gostei muito deles. O sistema deles é bom. É prático. Não deixa pra amanhã, né. Pra nós brasileiros é um..., hoje por exemplo já tá mais acostumado, brasileiro né, mas na época era

assim: não o brasi..., o japo..., o americano é muito frio, essas coisas assim, é muito sistemático. Realmente é muito sistemático. Mas valeu a pena, porque você começa a vencer na vida. Se você deixar pra amanhã o que pode fazer hoje vai cada vez decaindo a pessoa, né.

F.M. – Humrum.

T.I. – É. E isso foi um grande aprendizado pra mim, viu. Eu fui pra aprender mais ainda, a psicologia, a psicologia. Eu fui aprender, aprendi com eles como é que a pessoa vive bem. Tem seu momento de tranquilidade. Na época que eu fui, 1967, os americanos viviam com medo. O povo americano vivia com medo da Guerra entre a Rússia e os Estados Unidos. Porque hoje não tão mais na época da, do tiro, do portão, né, vamos dizer assim. Então os americanos viviam apavorado. Viviam bem aquele instante da vida que eles tinham. Não sabe que momento ia acontecer, não é?

F.M. – Humrum.

T.I. – Então, praticavam esportes, né, eu treinei na All American Karatê Federation. E eles teve .. mais novo do que eu, mas o corpo dele envelheceu muito, sabe. Degrau assim precisava ajudar ele a levantar o pé, pa anda, né. E, como eu disse, depois que eu voltei pro Estados Unidos, né, aí eu tinha uma academia aqui no Ana Rosa, que foi fundado em 1950 mesmo. Aí eu comecei a dar aula de Karatê e muita gente não gostava do mestre japonês aqui. Porque o mestre japonês, além de não fala o português, obrigava a gente fazer posições que para brasileiro era difícil. Porque japonês é tipo redondo, não é. Porque brasileiro é tipo longíneo, então muita dificuldade de abaixar na posição, né. você já fez Taekondo, já sabe como é, né, no Taekondo também. Não sei qual o mestre de de Taekondo que você pegou é o Tiomim?

F.M. – Não, não. Como eu sou do interior, né, eu treinei em São José dos Campos, aí depois eu fui pra Bauru e, em Bauru o mestre na realidade... eu sempre treinei com brasileiros. Não treinei com coreanos. Na realidade, em Bauru, quando eu fiz a Faculdade lá, o, tinha um coreano que era o mestre do meu mestre. Então era o, o, o Kumobam. Que era um Coreano, que é amigo do, do Saenkim...

T.I. – Isso.

F.M. – O...

T.I. – Tchomim é o mestre que veio da Koréia pra cá convidado por um aluno meu. Chama Kin Yango Men. O pai dele, por incrível que pareça, ele é coreano o pai japonês, mas se conheciam, sabe.

F.M. – Humrum.

T.I. – E como ele, ele soube que eu tinha academia de karatê, ele mandou o filho dele fazê karatê comigo, porque ele falava: Taekondo né..., eu sou coreano, eu fiz Taekondo e eu filho faz, é faixa preta em Taekondo. Tá bom. Aí queria que aprendesse, não violência. Que no Taekondo dizia assim: eu sou melhor, eu bato em todo mundo, aquele negócio, né. E ele falou: eu não quero que meu filho seja assim. Então veio treiná Karatê comigo, o filho já sabendo que iria encontrá um negócio diferente, né, mas por incrível que pareç, ele teve uma ousadia e, ao mesmo tempo coragem de falá: eu queria faze luta. Tá bom vamo fazê luta. Então vamo fazê luta. Antes de começar o treino, já. É. Aí eu falei: não vai na perna , dá um treininho com ele, faz um ..., não bate forte não, só pra mostrá que, que karatê também sabe defendê e sabe atacar também. Aí aconteceu, dele leva uma boa surra, ... falô: eu vou continuar aqui. Mas ele..., nossa o treino era muito mais forte que o Taekondo. A base, deixa tocar, é muito fundo assim, né, muito pra baixo, porque é embasado na, na..., Shotokan quer dizer é, pequeno pinheiro. E o pinheiro, a raiz é pra dentro né, não é espalhada assim né. então tinha que afunda o quadril lá no fundo. E ele sentia dificuldade [risos].

F.M. – é, porque o Taekondo é mais em pé.

T.I. – Ele falou: cara, é um andar difícil, viu. Mas treinou um ano e ficou ruim. Aí foi pra Korea. É, seis meses depois ele voltou, sabe, Sandan, terceiro Dan. Ele era Shodan, chegou lá fez diploma Sandan, da Korea. Então o que aconteceu? Sandan, terceiro Dan, ele tem capacidade pra treinar uma academia. Então ele montou uma academia da Rua Conselheiro

Furtado. Aí, fui na inauguração e tudo. Então ele falava: o senhor me ensinou uma coisa e eu ...

F.M. – Qual o nome do Koreano?

T.I. – Kuiangome, o rapaz, né. Aí ele falou: o senhor me ensinou uma coisa, eu tô construindo essa academia não pra mim, mas pra trazer o meu mestre pra cá. Eu quero que o Taekondo divulgue o outro em São Paulo, no Brasil. Bom, falei: muito bem, tá de parabéns, né. Fui na inauguração dele e tudo, deram umas palavras, mas não dá nada que maior parte dos koreanos não falava o português direito [risos] até hoje.

F.M. – Até hoje é difícil

T.I. – É. Aí eu, aconteceu de eu fazer..., deu eu ir pros Estados Unidos, quando eu voltei, ele tinha mandado o convite pra mim, pra inauguração da academia de Taekwon... primeira academia de Taekwondo no, no Brasil. ... foi inaugurada, né. Mas ele queria uma nova inauguração, com a vinda do mestre Tchome que era Sétimo Dan.

F.M. – Que é o Sanmicho?

T.I. – É. Aí, o que acontece aí eu peguei é, quando voltei dos Estados Unidos foi o primeiro lugar que eu... com o convite fui lá pedi desculpa pela minha ausência que eu estava nos Estados Unidos, né. Aí, o koreano foi simpático pra caramba né.

F.M. – era o Sanmicho que tava lá ou ...

T.I. – É, não. É ...

F.M. – Sankin?

T.I. – É Thon... é isso mesmo Thonmicho.

F.M. – Thonmicho.

T.I. – É, é isso aí. Quem eu arrumei é o rapaz que treino comigo e Somim era o mestre. Até que o primeiro campeonato de Taekwondo eu fui o paraninfo deles. Aqui no Pacaembu, naquele tempo era só Pacaembu né. E fui ver o regulamento deles, assim, totalmente diferente do nosso, né, do karatê. Foi ótimo, gostei muito dissemos umas palavras lá e você precisava ver tudo. Mas gostei muito, né. Só que a maior parte dos praticantes do kara... do Taekwondo eram praticantes de karatê. Você batia a Chibaraia eu tomara virar as costas ele metia a mão [risos]. Até desclassificá, porque você não pode batê nas costas, né [risos].

F.M. – É, porque o Taekwondo não tem a parte do braço, né. É mais pé.

T.I. – No treinamento tem né.

F.M. – Hunrum.

T.I. – Né, tem defesa, tem ataque.

F.M. – No treinamento tem mas na competição não.

T.I. – Na competição não pode, é, então o que aconteceu? Gostei, falei: mais tá de parabéns né. Primeiro campeonato e tudo e os brasileiros que faziam Taekwondo vieram me cumprimetá. E todos eram daqui do de São Paulo mesmo, né. Todo mundo já me conheceu, pelo nome pelo menos e foi assim que eu criei amizade com todos os tiros, professores, como se chama? Luta livre, olímpica, é, boxe. Pois o Eder Jofre foi, é, um dos paraninfos da minha, do meu torneio Utocai, aqui ele foi. Ele que patrocinô e tudo né. Gostei muito. O Miguel de Oliveira, né. Outro que não fez nada, mas se tornou muito amigo é o Emerson Fitipaldi. Todos eles. Nós se conhecemos dentro do esporte, do karatê mesmo, né.

F.M. – Então assim, começou, o karatê, o senhor começou a dar aula mas você já tinha feito aula aonde? Como é que foi?

T.I. – Aqui no Brasil mesmo, em 1950 com o mestre Pinati, que hoje tem a academia aqui de di capoeira. Ele é compadre. Ele é meu compadre. Ele é um homem que não sabia sorrir. Então ele vendo aquela, arte da capoeira, todo mundo sorrindo, aquele jogo de malandro, tudo né, e ele chegou pro mestre, não sei, não lembro o mestre dele. E eu queria treina capoeira. Aí o mestre olhou pra ele assim e falou: você não dá risada?

F.M. – Esse, esse, esse mestre Pinati

T.I. – Pinati, Janir Pinati.

F.M. – Mas ele é o que? Ele era italiano? Era brasileiro?

T.I. – Brasileiro, era brasileiro. Tem um pouquinho menos necessidade do que eu mas tá bem velhinho, viu, mas ele joga bem ainda. ... e... Aí ele foi fazê capoeira, porque no judô, no karatê ele via que era muitos japoneses, muita política [tosse] e ele é como eu não gosta de política. Não vou falar nada, vou largar okaratê e vou pra capoeira. E gostou da capoeira tudo então ele fundou uma associação Pequeno Sorbento. Até hoje ele continua, né. Mas foi esse mesmo Pinati que deu primeiros passos pra me seguir na carreira do karatê.

F.M. – E quem que tava ensinando o karatê aqui então no início?

T.I. – No início, pra ele foi o Sensei Rarada. Mitisuki Rarada. Também tive honra de praticá com ele alguns tempos ...

F.M. – Na liberdade isso?

T.I. – Isso, na Liberdade tinha academia, mas ele vinha lá na minha academia, de sábado.

F.M. – Então, é isso que eu não tô entendendo. O senhor abriu a academia, mas até então ... mas era aluno também?

T.I. – Era judô, judô.

F.M. – Ah. Mas era de judô.

T.I. – Judô...

F.M. – Pra dá aula de judô então o senhor já tinha faixa preta.

T.I. – Desculpe eu não soube explicar esta parte. Tinha academia de judô. E dava aula de karatê, né, juntamente com o mestre Pinati.

F.M. – E judô o senhor já era faixa preta?

T.I. – Já, já, já, né. Terceiro Dan. Então o que acontece? É, e o mestre Harada, a convite do aluno dele que é o **Pinati** vinha dar uma mãozinha pra gente. Pra gente aprender mais.

F.M. – Então ao mesmo tempo que o senhor era dono da academia, cê era aluno...

T.I. – ... da parte do karatê.

F.M. – Da parte do karatê.

T.I. – E como o Sensei tinha vontade di sigui, mas ele foi embora do Brasil porque ... eu não sei , mas sei que ele deixou a academia dele. Foi embora pra França, depois foi pra Inglaterra. Até hoje tá na Inglaterra. Agora, eu treinei com outros mestres, não Shotocan Goriuiu, né.

F.M. – Esse, esse Harada já era Goriu... Shotocan¹?

T.I. – Shotocan. Ele era, se eu não me engano, Quinto Dan. É Shotocan. Quanti Dan é o grau máximo do Shotocan. Do Shotocan antigo que se chama Shotokai. Muda o nome, né. Em vez de Shotocan é Shotokai.

F.M. – E ele era mestre Quinto Dan do Shotokai?

T.I. – É. Isso. E eu não entendo bem como ele ficou Quinto Dan porque o próprio mestre Funakoshi era Quinto Dan. E a pessoa que deu o quinto Dan para ele, fez a solicitação pra dar Quinto Dan pra ele, não era Quinto Dan. Era amigo dele, era mestre, parece que Fura... Furamocha. Não, Emgami ou Shiromicho... negócio assim, não não conheci essas pessoas. Então, o que acontece? Houve muita, houve muita, como chama? Controvérsias, muita história diferente um do outro. Ouvindo uma pessoa e ouvindo outra pessoa falá, né. E você vê. Eu tenho professor é..., conhecido no Japão, um professor quase com noventa ano foi aluno direto do Sensei Funakoshi, né. Ele me conta que com noventa ano ele é uma fortaleza, né. É pequenininho né mas ele é assim ó: ele nunca fez karatê esporte. Tão ouvia... . Eu me lembro de onde ele dava, ele tava dando aula ... e ele pensava até que treinar karatê... ele falou assim que karatê é karatê que você ... Dizia: esporte? Esporte não é comigo. Vai procurá outro lugar. Porque o Karatê mudou com o objetivo de vida, não pra tirar medalha, pindurá medalha, nem diplominha. Era isso que ele... E, conversando com ele era muito diferente do que a gente ouviu aqui em casa, sabe. O Funakoshi não era pessoa fácil. Pessoal. Ele era fácil para ensina as pessoas, muito calmo. Nunca foi bravo. Ele falou: eu nunca precisei enfrenta uma pessoa, eu nunca precisei enfrentar mesmo. Por que que o pessoal preferiu japoneses mais altos? Que nem o Kanazawa, né? Ele é mais alto do que o japonês normal, né. O filho dele também é grandão, hoje né. E o Ozawa era pequeno. ... Porque você não me convida pra ir junto com você pra viajar o mundo? Ele fala: sabe, estrangeiro é tudo grande. Então é melhor levar gente grande, né. Porque estrangeiro vai olhar e vai falar assim: pequeno até eu enfrento, grandão não, é mais difícil. Então ele levava o Kanazawa, que é grande né. E o Kanazawa hoje domina o mundo do karatê, é, Shotokan por causa disso né. É um dos fortes do Shotokan do Japão é ele né. Só que ele não é aceito pelo WK. WK, Federação Mundial do Karatê. Que ele quis muda alguma coisa. A gente... coisa assim: cê deu muita corda pro rapaz, o rapaz começa a querer mudar alguma coisa né. E ele mudou, sabe. Então ele não é aceito. Agora, ele foi convidado pra fazer parte da, do KF, para dar aulas de Filosofia de Vida, né. Mas ele não quis. Então ele jogou: me aceita ou não me aceita, né.

F.M. – Aí não aceitaram.

¹ Nome sujeito à confirmação.

T.I. – Aí não aceitaram. Que na verdade não é japonês né. Na verdade é europeu, né. Hoje nós tamos fazendo... virou karatê esporte, professor Sensei Nakaiamy que fez karatê esporte. Quando ele chegou aqui em 1976 ele dizia: quem fez karatê esporte fui eu, porque Sensei Funakoshi tinha pedido pra mim divulgar o karatê para o mundo inteiro. Mas como? Tinha que ser por meio do esporte, né. Não podia ser por meio cotunbente, né. E, foi o que ele fez. Só que ele já tava preocupado: um dia esse karatê vai ficar vídeo game e como hoje tá vídeo game. Não tem mais base. Ninguém treina mais base, só pulá e bate, pulá e bate, pulá e bate e ficou nisso né. Então perdeu bastante filosofia de visa. Muitos voltam a escola por isso, né. Hoje já não... Então, vou dizer assim, tem um grego que treina agora comigo aqui, que veio da Grécia, que ele falou assim: Sensei por quê que não existe mais o karatê Tokomu? O Maiori² existe mas o Mairitekomo não existe, por quê? Mairitekomo é o seguinte, eu pratiquei também. Na minha época não se praticava, porque não era esporte. É chute, um chute frontal mais, você sabe né, chute frontal, né. Era chutar com calcanhar e não com a ponta do pé. Então, era pra quebrar o sujeito né. Então. Porque é perigoso.

F.M. – e o esporte...

T.I. – O esporte não pode. Já tá, já tá, o próprio nome já tá dizendo: karatê esporte, né. Então muitos golpes, por exemplo o Nutite³, Shitô⁴, é proibido. ... Nutsha⁵ é proibido, Fumikomi⁶ é proibido, né. Sumarideri⁷ é proibido, Sumaderi é chute na canela, sabe. [Tosse] Salvo que é o que o Cheng⁸ faz em golquique⁹... no joelho né. Então, mas outros Shotokan não podem mais. Ficou karatê esporte, então tem que seguir como manda o karatê esporte .

F.M. – Pra preservar a integridade física do atleta.

² Nome sujeito à confirmação.

³ Nome sujeito à confirmação.

⁴ Nome sujeito à confirmação.

⁵ Nome sujeito à confirmação.

⁶ Nome sujeito à confirmação.

⁷ Nome sujeito à confirmação.

⁸ Nome sujeito à confirmação.

⁹ Nome sujeito à confirmação.

T.I. – Isso. Também, tá certo, né. Eu acho que é correto isso. Por exemplo, quem fez o karatê europeu? Foi o próprio japonês, é, que foi aluno direto também do Sensei Funamushi. Que quer..., juntamente com o Sensei Nakawama, né. Chama-se Takaei. Ele falou: a partir desse momento, o mundo vai começar a treinar karatê europeu e não japonês. Então fez kimono a manga assim. A parte de cima vem abaixo do joelho. Quer dizer era uma... ele tava num comprimento diferente né, se ele é tipo os Kosacos, né os russos né. Manga comprida, ... comprido, tudo bem fechadinho a perna da gente fica desse tamanho [risos]. E os primeiros campeonatos houve problema sério. A manga, como chama, aqui a ponta, como estava fora da..., fazia assim pegava, machucava o olho do ...

F.M. – Dava uma chicoteada?

T.I. – é, dava uma chicoteada. Aí mudou-se pra mais curto. Hoje tá novamente igual. Quatro dedo do punho, né. Mudou, quimono também diminuiu né. Ce viu que tudo era uma experiência que eles tavam fazendo né, e até hoje tão fazendo experiência. Por exemplo, hoje a arbitragem mudou muito. É, arbitro bom nunca mais existiu por quê? Todo mês muda sistema de arbitragem. Então os árbitros, já ficaram, passaram dez anos, vinte anos o camarada aprendeu. Quando ele vai apitar não é mais assim. Como não é mais assim? Não, o senhor esta fora de...

F.M. – É, porque também tem um monte de Federação, né.

T.I. – Há 11, tem muita Federação, né. Hoje tá assim, mas o regulamento é um só. Mas o meu estilo continua sendo o mesmo e foi Konsho¹⁰. Por que Konsho? O homem morreu-se uma vez só, não morre oito vezes como é hoje, é, chama-se é, oito pontos, né. Então Hipon é uma vida, dois são duas vidas, três são três e assim por diante né. Então o que acontece, golpe fraquinho eles dão hipon, golpe forte eles dão um Sabão. Três pontos de uma vez só. Mais aí: o cara não é um gato, ele não tem sete vidas, só tem uma, só tem uma vida só, né.

F.M. – É, mas é..., eu não sei. O Taekondo pode ser o seguinte, entrevistando os mestres koreanos que vieram pra cá eles diziam o seguinte: na minha época não tinha tanto ponto,

¹⁰ Nome sujeito à confirmação.

era um ponto só, m golpe só resolvia a luta, acabava a luta. Não era tão rápido e a medida que começou a usar o protetor e tal, a coisa começou... quanto mais ponto melhor.

F.M. – Mais rápidos mas mais fracos e no Karatê isso aconteceu também?

T.I. – Também, também. Então o que você fala de protetor, Shotokan também pos o protetor. Então a idéia do pessoal foi assim [risos]: “Ah, pôs protetor então pode bater mais forte”, né. Então o que aconteceu, com protetor o pessoal se machucava mais. Houve costelas quebradas, né, sabe e maxilares fraturados, porque chutavam pra valê. Aí tiraram, falaram: “Não tá dando bom resultado não, tá machucando mais”. O pessoal batia forte, dava ponto e tal, daqui apouco o cara tirava ponto e parecia mais magro. Aí ele tava com a costela quebrada, volta pro centro médico. Então voltou novamente sem proteção. O nosso estilo é sem proteção.

F.M. – Mas tem a luva.

T.I. – Sem luva, sem luva. Então, veja bem, o Karatê forte, mental espiritual, não é pra atingir a pessoa. Mas a onde? O karatê é a parte central do corpo. É a parte vulnerável e muito perigoso. Cada, cada ... de um dedo da pessoa são pontos críticos, você pode ver. Então embasado na parte central da pessoa. Tanto de frente quanto de trás. E o lateral são essas daqui, né e aqui. Então não pode bate com força. Bate com força mas não pode tocar, só chegar perto encostar.

F.M. – como sombra, né.

T.I. – Isso mesmo. E tem que ter postura, se ele não olha a postura, não tem força. O camarada que tá preparado,..., se prepara basicamente forte o golpe dele não funciona. Pode machuca, dói mas não é aquele golpe contundente. Porque o Hipon é baseado como se fosse um golpe mortal, não um golpe superficial. E o Hazari, que é meio ponto, ouve uma falha antes. Um olhar, da falta de distância, curto ou longo, né. Então esse é meio ponto. Uma falha na defesa, então é meio ponto, certo. E foi bem declarado: parte central é onde vale o golpe. Então não tem perigo história que faz homem com mulher, não tem perigo de se machucarem.

F.M. – O Shotokan tá filiado a WKF¹¹?

T.I. – WKF.

F.M. – E a FPK¹², ela congrega todos os estilos?

T.I. – Congrega todos estilos.

F.M. – Mas e aí, como é que funciona?

T.I. – Tem que seguir o regulamento da WKF. Por exemplo...

F.M. – A WKF também congrega todos estilos?

T.I. – Todos, todos estilos. Então são quatro. Peraí: Shotokan, Godiuri, Wadori, Storil. Quatro estilo que se estreitam muito. WKF, né. Então baseado no que? Shotokan...

F.M. – Mas tem outros, não tem?

T.I. – Tem...

F.M. – Shorinki...

T.I. – Esses não são filiados.

F.M. – Ah, esses não são filiados.

T.I. – Esses não são filiados.

F.M. – E o Kioquishim também não é assim?

¹¹ World Karate Federation.

¹² Federação Paulista de Karate.

T.I. – Kioquishim não. Kioquishim nunca fez parte da ... esses tempos aqui na Federação fez parte porque o professor Isoldo é muito amigo nosso. Só que faz sempre Karatê é, competição separados.

F.M. – Porque é muito diferente.

T.I. – É, porque é diferente. Ele é muito perna e...

F.M. – Lembra muito o Taliobam¹³.

T.I. – É. Como chama isso aqui? Upper, né, e Orazoki¹⁴. E o Fazoquisagueiri¹⁵ e vale muito a perna, né. É nocaute. Lá no Japão é conhecido como Kenka Karatê¹⁶. Karatê de briga. Então não é considerado um Karatê, é, verdadeiro caminho do Karatê. Que ele tem a filosofia de vida É forte mas não pode machucar o oponente. Isso é Karatê Do. O caminho do Karatê. E o cursinho não existe dor. Quentakaratê, Karatê de Briga, né. Entre eles, eu conheci vários professores muito bom. Eles são praticantes, são professores de Yokishim, mas não estão afiliados ... É, com pensamento mais ou menos igual ao nosso, pra proteção da integridade física do sujeito, eles são contra esse tipo de Doupike na perna.

F.M. – Ah sim, porque a pessoa fica sem andar né.

T.I. – É. A maior parte do pessoal, você vê que eu fui várias vezes padrinho, até que eu puxei saco. De vez em quando eu ia acertar o amigo, fui várias vezes a participar juntamente com ele, porque eu sou o mais velho de todos eles, sabe, de idade. Aí, é, inclusive eu me lembro que no segundo ele também me ... aí ele falou assim: Sensei como é que poderia fazer... Não, não pode mudar nada. Fazer nada. Tokishin é Tokishin. Ele tem o sistema dele e tem que estuda como não machuca as pessoas, né. [tosse] Porque o campeão sentava, depois era chamado para receber o troféu, ele falou assim: Sensei eu não posso levanta, minhas pernas estão dormentes, tão machucada, não tem mais força. Então o

¹³ Nome sujeito à confirmação.

¹⁴ Nome sujeito à confirmação.

¹⁵ Nome sujeito à confirmação.

¹⁶ Nome sujeito à confirmação.

pessoal levantava ele, ele ia lá, recebi a troféu e voltava pra sentar n.é. Recebia troféu, recebia premiação de televisão ou qualquer outra coisa, ele recebia também dinheiro pra cuidar daquele machucado. Mas o que que aconteceu foi o seguinte: ele ficou campeão, mas aquele dinheiro que deu, na hora ele fez que tinha valor pra ele. Deu pra trata. Só que além daquele dinheiro, vale muito mais dinheiro pra cuida...

F.M. – Pra continuar tratando.

T.I. – E o tempo que ele perde, né. Essa parte que eu sentia dificuldade. Porque, sabe, você trabalha, eu trabalho, aquele atleta vai trabalhar, pra ganhar o pão de cada dia. Se ele não pode trabalha, tá prejudicando a vida dele. Esse ponto que você precisa ajudar.

F.M. – O senhor sempre viveu do Karatê ou teve outra ocupação?

T.I. – Eu tive outra atividade mas é, tive, tenho problema de coração, né, então, isso foi acidente que sofri e, então vivo só de Karatê. Judô também eu não posso fazer, eu posso cair, bater as costas, por causa do coração.

F.M. – Qual que foi o problema?

T.I. – É, é mais choque mesmo, né. Houve uma criança que estava no metrolícia, eu falei: poxa vida né. Eu pedi, levantei a mão pro Céu e disse: se quem vai, esta doença, que trocasse minha vida por ele, né. E na hora o menino levantou e eu caí né. Mas vi a criança andando e falei: que bom. Deus ouviu meu pedido.

F.M. – Foi acidente de carro, é isso?

T.I. – Foi acidente de carro. Isso foi choque, então não posso leva pancada e nem cair de costas no chão. Eu fiz um tempinho depois, sabe. Mas cada tombo que levava, saia cada tosse. Eu via que sofria muito. Chegava de noite eu não conseguia dormir, né. Então eu mostrei, eu falei: quer dizer que Deus está comigo, ele ouviu minha oração na hora, né. E eu fiquei muito contente disso, sabe.

F.M. – Mas antes sua ocupação era qual? Além do Karatê.

T.I. – Eu fazia fera, supermercado, né. Cooperativa que eu tinha, trabalhava como funcionário, escriturário e trabalhava na fera também. Saí da cooperativa já levante uns 15, 20 mil. Eu queria levar a vida assim. Comprei a minha casa trabalhando na fera, né (risos). Visitei um apartamento a... faz 30 anos que eu comprei esse apartamento. Dou graças a Deus, sabe.

F.M. – Mas o senhor se aposentou, tudo?

T.I. – Tô aposentado. Tô aposentado, mas a gente ganha muito pouco né. Então abri isso aqui. Eu tenho pouco aluno aqui mas são alunos fiéis. Tem desembargadores. Vou mostrar aqui o aluno mais antigo. Ele é desembargador. José Damião Pinheiro Machado Cougar. Hoje tem os filhos dele, né. Tem o grande empresário que é o Sérgio Fonseca. Hoje eu tenho ele, o filho e tenho o neto. Todo mundo faz Karatê comigo. Esse foi o dia da homenagem que fizeram pra mim. Homenagem ao professor... no ano passado. E esse ano aqui, é, fui homenageado agora na Câmara Municipal, né, pro vice presidente da Câmara, é, campeão olímpico...

F.M. – Aurélio Miguel?

T.I. – Aurélio Miguel.

F.M. – É, eu eu entrevistei também o Kasurô, campeão do Junior, ele também recebeu essa comenda né. Por serviços prestados, né.

T.I. – É. Por serviço prestado. Já em 1995 eu recebi a primeira comenda, né. E agora... não tava esperando. Não, não. É muito difícil da ganhá. Porque ele lê, passa meu conhecimento pra aqueles que me procura, né e aprender a viver bem. Sem arrogância, sem temer a ninguém e nem atacar a ninguém né. Isso que eu prego aqui na academia. Mas o conhecimento pra viver bem. Ser bom filho, bom pai, bom marido, né. Bom companheiro pra sociedade.

F.M. – Quando, quando ... O senhor tem cidadania brasileira, quando o senhor conquistou?
Foi difícil?

T.I. – É não, no meu tempo foi logo depois da Segunda Guerra Mundial.

F.M. – Aí eles deram?

T.I. – Quando Jânio Quadros foi presidente da república, eu fiz minha inscrição para ser cidadão brasileiro. Só que teve todo aquele reboiço do Jânio Quadros ...

F.M. – Denuncia...

T.I. – Denuncia, depois houve o Jango, né. Foi naquela época que eu fui chamado a fazer a declaração. Juramento a bandeira, né, tudo. Fui naturalizado brasileiro.

F.M. – Mas isso foi na década de 60, já?

T.I. – Ah, já.

F.M. – Mas não tinha entrado na Universidade ainda?

T.I. – Não. Já tinha entrado sim mas eu não podia frequentar a aula frequentemente. Perdi um ano assim.

F.M. – Por causa de não ter a cidadania?

T.I. – Exatamente.

F.M. – Então você tinha passado no vestibular, mas na hora de fazer a matrícula era complicado?

T.I. – Meu Deus do céu, complicado viu. Mas a gente aceita porque tem um bom senso do pessoal né. Você pode continuar estudando só que o senhor vai ter que...

F.M. – E onde era a psicologia?

T.I. – Psicologia...

F.M. – Não era no Butantã não, né?

T.I. – Não, não. Ali perto, Não no Butantã. Puxa como chama aquela rua lá?

F.M. – Que tinha a ... Antonio, onde tinha...

T.I. – Não era nenhuma dessas duas aí. Esqueci o nome. Puxa, caramba. Hoje não sei como está. Porque mudou muito também né, São Paulo, né. E hoje a, inclusive minha vista também tá falhando bastante já. [risos]

F.M. – Não, mas tá indo bem, tá bem.

T.I. – Tá. Graças a Deus ainda... As coisas do passado eu lembro bem. Mas coisas presentes, que aconteceu ontem, antes de ontem, já preciso pensa, falo que que é isso mesmo? Coisa recente fica mais difícil pra mim. [tosse] Apesar de eu estar bem.

F.M. – Bem a olhos visto. Tirando esse probleminha aí.

T.I. – Então, é. E, vou falar pro senhor, eu fiz concurso justamente da... para psicologia. Agora me fugiu da cabeça também. Foi feita na onde São Paulo é Faculdade de Filosofia.

F.M. – Na Maria Antonia?

T.I. – É. No (pausa) esqueci o nome. Fiquei muito tempo com ele, sabe. Ele veio dar uma palestra aqui em São Paulo. Eu fiquei com ele. Eu tenho até livro dele, na hora ele distribuiu pra gente né.

F.M. – Mas deixa... deixa isso de lado. Isso é importante, mas se o senhor lembrar durante a entrevista você me fala. Mas, é. Aí você entrou na década de 60, quando assim na Universidade?

T.I. – Quê?

F.M. – Porque parece que em 1964 o você terminou, né.

T.I. – 64? É, 64 foi o ano que eu terminei.

F.M. – Então deve ter entrado em 60?

T.I. – 60 mesmo. 60. Foi logo no Janeiro, Fevereiro. Março aliás.

F.M. – Março em 60 e terminou em 64.

T.I. – Isso.

F.M. – Então, em 64 teve o golpe militar, né?

T.I. – Teve, teve.

F.M. – Aí virou ditadura, como...

T.I. – Teve, teve, foi foi um problema sério pra nós.

F.M. – Como é que foi? Porque na USP era era de certa forma... caçou professor...

T.I. – Muitos, muitos. Por exemplo, eu tive um problema sério. Então tive que me afasta, que foi avisado: Sensei... Os alunos meus eram professores lá né. Falou: “Sensei é melhor o senhor para um pouquinho, não aparece agora. Não aparece agora que o negócio aqui tá meio, né”.

F.M. – Os professores da psicologia eram seus alunos?

T.I. – já eram meus alunos no Karatê. É. Então ele falou: “Sensei, é melhor afasta um pouquinho. Depois a gente arruma essas coisas”. Inclusive eles também desapareceram em São Paulo.

F.M. – Eles mesmos, professores mesmo deram...

T.I. – Pra não ser caçado, não ser perseguido, né. Nós éramos perseguido. Eu como estudante, também, era perseguido.

F.M. – Sim.

T.I. – Inclusive teve o [pausa] General, também não lembro o nome, é. Teve um aluno um karatê meu, que deu um golpe, sabe. E nessa época ele fugiu do Brasil seqüestrando um avião.

F.M. – Ah é? Um aluno seu.

T.I. – Chama-se Aikto Montati¹⁷. E não sei como ele arrumou dinheiro, como ele arrumou aquelas armas. Eu sei que num domingo eu tava junto com o advogado, João ..., hoje falecido, eu falei: “João o que acontece comigo agora? Já saiu meu nome aqui que ele é meu aluno, aluno da Guto Okukai”. Aí...

F.M. – Quando foi isso? Sessenta e...

T.I. – Na época do golpe. [risos] Aí ele falou assim: “Espera um pouquinho que nós vamos tem arranjar”. Isso era num Domingo. Ingênuo a car... a fotografia do sujeito assim na primeira página, bem grande [risos]. Falei: “Meu Deus do Céu”, meu nome também tava ali, né. Eu fiquei preocupado, poxa vida.

F.M. – Daqui a pouco vão batê na porta e iam leva pra pra polícia, né.

T.I. – [risos] Aí o João falou o seguinte pro general. General falou: “Ah, não se preocupe”. Aí ele telefonou pra mim e falou: “Você não se preocupe que o Airton é um aluno excelente. Ele é meu aluno, da Faculdade”. Ce veja, só...

F.M. – O General falou isso.

T.I. – [risos] É. “Não se incomode que ninguém vai te amolar”. E eu sou fácil, estão perseguindo vocês mesmo. [risos] Cê veja só que coisa, ele era...

F.M. – O General tinha que perseguir porque ele era General, mas ao mesmo tempo conhecia a pessoa, porque era aluno dele.

T.I. – Conhecia porque eu era aluno dele.

F.M. – Hunrum. E ele era aluno seu de Karatê?

T.I. – Exatamente. Ele falou: “Não se preocupe... ninguém vai te procurar coisa nenhuma”. Tá bom. Isso é um negócio mais especial. Agora, o Airton Notaki, ele mesmo desconhece como ele conseguiu arrumar aquelas armas e dinheiro pra viajar.

F.M. – Ele tá no Brasil hoje?

T.I. – Não, não tá.

F.M. – Não voltou mais?

T.I. – Que eu sei, ele não tá.

F.M. – E ele foi pra onde?

T.I. – Ele foi pra Itália. Primeiro foi pra Cuba. Primeiro foi pra Argentina.

¹⁷ Nome sujeito à confirmação.

F.M. – Com o avião sequestrado?

T.I. – É. Avião sequestrado. Aí quando ele, é, os argentinos, a polícia argentina percebeu, ele já não tava mais na Argentina. Já tinha viajado pra Cuba. Ele, uma moça que foi corajosa também, uma moça sentada no banco traseiro fala: “Todo mundo quetinho porque senão eu passo fogo”. ... ninguém reagia, né. Aí que coisa né (risos) eu falei: “Não é possível”. Eu lendo no jornal falie: “Não é possível que tá acontecendo”. Porque ele é órfão de pai, ele precisava do pai. E eu era um pai pra ele, sabe. Né, eu ensinava do bom e do melhor... pra ele. Ele gostava porque ele era aluno de filosofia, né (tosse) e a mãe dele tinha uma pensão aqui na, na, aqui perto do, do Paraíso...

F.M. – Hunrum.

T.I. – Sabe. E o policial chegou lá e fez um estrago total na pensão. “Mas ele não tá mais aqui. Não veio mais. Que eu vou fazer?” Procurou, procurou e não tinha nada aqui. E Ele mandava dinheiro pra mãe no nome do outro amigo dele que morava aqui em São Paulo. Esse foi amigo também. “Ele tá bem, não se preocupe que tá trabalhando na...”. Tava na Itália. Depois daí, nunca mais soube, né. Nunca mais se falou nele, nunca mais me procurou e nem eu procurei nada, não quis saber e hoje estamos aqui.

F.M. – E aí você se formou em 1964 e foi pros EUA?

T.I. – 1967.

F.M. – 67 você foi pros EUA?

T.I. – 67

F.M. – Então você conseguiu se formar em 64? Mesmo com tod... turbulento, todo problema.

T.I. – Tudo, tudo, é.

F.M. – Porque começou em Abril o golpe. O Golpe foi dado em Abril.

T.I. – E é gozado porque na época que veio esse, esse bispo né que pra gente foi uma, mais um apoio pra mim por... entende mais né. Porque, quando nós chegamos lá, tinha Congressos, no mundo inteiro soube a Parapsicologia religiosa. Que englobava todas as religiões. Isso pra mim foi coisa muito boa.

F.M. – O senhor fez o curso de Psicologia na USP, mas dentro do curso o senhor começou a se interessar mais pela Parapsicologia?

T.I. – Parapsicologia. É, entende. Então adorei muito. Não conhecia sob a história de São Jorge, né. Quando era ele, como que ele era, como pessoa, né desde pequeno. Olha, vou falar pra você, vale a pena. Fazer isso era uma história que ninguém sabe, só eu sei, né. Que na História é completamente diferente daqui, né. São Jorge é que luta com o dragão aqui.

F.M. – Só voltar um pouquinho, em 1950, aí você começou a ter contato com o Karatê e tinha um mestre aqui ensinando Karatê Shotokan, né.

T.I. – É. Shotokan. Que era mestre Rarada.

F.M. – Rarada. E aí, quando, quando que o senhor se tornou mestre em Karatê?

T.I. – Mestre em karatê? O que acontece é o seguinte, eu já fazia um pouquinho, então eu ensinava aqueles que me procurava, sem interesse nenhum. Por que praticante meu era mais judô, aí...

F.M. – Nessa época não tinha nada de federação de judô ainda...

T.I. – Não. Judô existia federação, mas era apenas um escritório, não tinha nem...

F.M. – Não tinha o tamanho que tem hoje.

T.I. – Inclusive o professor do Aurélio Miguel, Shinohara é meu companheiro de treino, nós era tudo faixa branca.

F.M. – Quando começou...

T.I. – É faixa branca por quê? No judô ficava quatro cinco anos faixa branca, você pegar um faixa preta fajuto aí coitado, né?

F.M. – Ah é. Por que hoje é isso, né? Hoje o cara com um ano, um ano e pouco o cara é faixa preta. Mas se pegasse um faixa branca daquela época que já tinha dez anos de faixa branca... [risos].

T.I. – [risos] Eu tinha um amigo meu que chamava Alberto Arceni... Ó vou falar pra você viu... Ele tinha mais ou menos dez, doze anos de faixa branca, só que ele pegou o campeonato, pun..., pun..., pun..., ficou terceiro Dan em três anos. Por que ele era muito técnico, muito forte também. E na época para você ver que, quando começamos o judô como eu estava falando pra você era tudo descendentes de japoneses, ou japoneses puro. Não tinha brasileiro. Depois que começou a surgir. Mas eu vou falar para você, o Karatê, assim com nós tava falando negócio de mestre, como eu comecei a ensinar Karatê... Foi assim, no judô tinha pessoal que queria aprender, então comecei a dar aula para eles e o Pinatti vinha dar aulas pra gente e ele trazia o mestre sensei Harada, mestre japonês pra dar aula para orientar a gente. Só que começou a dar aula forte tipo japonês... Eu falei: tipo japonês é difícil aqui na Brasil. Pode ter no início por que Karatê aqui é novidade, né? Karatê é novidade... Então vai ter muita gente, mas também pode acabar de repente.

F.M. – O início do Karatê Shotokam no Brasil foi à década de 1950 mesmo?

T.I. – É, é. Muito forte, mandava abaixar, mandava fazer. Vou falar pra você. Primeira aula que nós tivemos foi assim... Juntou mais ou menos oito alunos, tudo faixa branca, sem saber de nada. Aí chegou um rapaz magro, alto, com faixa na cabeça... Quero todo ver com o estômago duro aí, e todo mundo tinha almoçado... [risos] Ele chegou assim... “Ih rapaz! Essa sua barriga tá muito mole” Aí tun! Aí botou tudo pra fora... “Quê isso! Você vem no

Karatê de barriga cheia?” Esse foi o primeiro dia. Da segunda vez era só três, eu e mais dois só [risos].

F.M. – O Pessoal já tinha tudo sumido...

T.I. – [risos] Tudo sumido. Aí um mês depois tava só eu, dá minha turma tava só eu. Você tinha que ver como era difícil.

F.M. – O pessoal não agüentou.

T.I. – Depois não, você está na posição de combate, o camarada chega e dá um pisão na perna da pessoa, bem na junta e se não tivesse firme... Coitado... Quebrava. Isso aconteceu muito sabe... Então a razão disso que fala que era uma prática irracional... Ele foi agüentando, agüentando, agüentando... Ele chegou e falou: Pinatti, karatê... Nós Brasil, pra vocês ter sucesso você não pode fazer karatê japonês assim... Karatê japonês, a filosofia é boa, mas a prática de físico não boa. Você vê que todas essas coisa são irracional, chute na canela? Onde já se viu! Né? Eu não sei defender na canela, tô começando agora. Minha canela ficou em carne viva, ficou impraticável. Ele falou: agüenta firme. Então na aula dele é tudo bom, gostoso. Aí de vez em quando ele trazia o Sensei...

F.M. – Aí começava aquele método japonês, bem rígido.

T.I. – E ele trazia os alunos dele mais adiantados pra bater no faixa branca. Aí eu comecei a estudar e falei: “não, não é assim não. Não é pra apanhar não, vamos bater também. Que negócio é esse?”. E foi aí que nós começamos a fazer frente a frente com os alunos do Sensei Harada, certo? A gente falou: “não afasta não vai em frente e entra junto”. Aí era dente quebrado, (risos) sangue pro nariz (risos), era estupidez, totalmente estúpido. Aí eu comecei a estudar sobre filosofia... A Sensei Funakoshi fundou karatê, mas não era pra isso, não era pra acontecer isso. O que que é? Pra ter boa saúde, para ter boa formação, né? Então por que eu vou atingir meu oponente? Aí o negócio mudou, eu comecei a estudar, estudar, estudar... O Sensei Harada foi embora, o Sensei Pinatti, mudou pra capoeira... Aí eu comecei a pegar todos aqueles alunos meus e comecei a estudar como eles. No meio

tinha, médicos, dentistas, engenheiros, e falam: “é isso que nós queremos”. Aí eu criei essa Budokai e até hoje não parou mais.

F.M. – E nesse meio tempo em que o Senhor cursou psicologia, fechou academia?

T.I. – Não, não, ficou aqui com professor japonês de wadou-kai, o professor Michizo Buiyo que está aqui na Lins de Vasconcelos. Ele começou comigo aqui em São Paulo, aprendeu português.

F.M. – O estilo dele é Wadou, né?

T.I. – Wadou. Mas, como pessoa nós somos muito amigos. Ele aprendeu português, ele montou academia, aí depois que voltei dos Estados Unidos, eu ajudei muito ele. Por que ele me ajudou quando da minha ausência, né? Inauguramos academia num salão excelente, só que agora muito caro, acabamos desistindo, mas ajudei ele, aprendeu bastante português, até hoje tem dificuldade, mas ele fala português, dá pra entender o que ele fala. Como se diz, antes de dez anos se ele vem para um país ele aprende bem a língua, mas passou dez anos já começa a surgir dificuldade e ele tem essa dificuldade por que já veio casado, né? Ele é engenheiro...

F.M. – Ele veio na década de 1960 pra cá?

T.I. – Não. Ele veio agora na depois da Guerra.

F.M. – Depois da guerra, 1950 mais ou menos...

T.I. – 1970... 60...

F.M. – Por que de 60 veio muitos mestres do Japão, mas eram pessoas que já tinham feito faculdade lá, na verdade veio por que era técnico, então veio para trabalhar em alguma coisa aqui na Brasil.

T.I. – Ele veio pra trabalhar na agricultura. Ele é engenheiro agrônomo, né?

F.M. – Como o outro mestre o Koji Takamatssu.

T.I. – Isso! O Koji Takamatssu é Senpai desse professor Buiyo, é Senpai.

F.M. – É o aluno mais graduado.

T.I. – O Takamatssu hoje não está mais aqui no Brasil, né?

F.M. – Não, ele está aqui sim, mas ele não fala bem português.

T.I. – O Filho dele fala bem, o...

F.M. – Sérgio.

T.I. – Sérgio, o filho dele está sempre junto. Por que eu fui fazer um exame na federação e o pai dele não estava aqui no Brasil e eu tive que ficar no lugar dele também. E o Takamatssu Sensei é uma pessoa Senpai do professor Buiyo. Por sinal são pessoas muito boas, muito acessível às pessoas, gostei muito deles.

F.M. – É engraçado que vieram todos da mesma escola, todo mundo estudou e se formou a mesmo lugar...

T.I. – É. E o professor da Shotokan, vem de escola que não é muito bem quisto na Japão, Takuday que fala né? Lá houve muito desavença dentro do próprio faculdade, que é o Karatê Shotokan que ele queria dizer que é o karatê mais forte, e morreu um aluno por ano, né? Estupidez? Aí até que em fim, não me lembro o ano a faculdade fechou a porta para o karatê. O pessoal da Takuday, saia da faculdade e não tinha bom serviço, por que eles eram briguentos, mas nós tiramos essa parte briguento e vamos partir para o karatê prático, bom, que fortalece o físico e vamos usar a filosofia do karatê como o Sensei Funakoshi fundou. Isso foi a minha intenção como meus amigos brasileiros, que levantamos nossa Budokay.

F.M. – Mas aí voltou dos Estados Unidos em 1967...

T.I. – 1970.

F.M. – Em 70 voltou dos Estados Unidos e aí a questão da ditadura já estava mais tranqüila...

T.I. – A já tava... Já tava totalmente... Inclusive em 70 logo que cheguei...

F.M. – Na realidade, provavelmente não iria acontecer nada...

T.I. – Nunca aconteceu nada.

F.M. – Mas foi um negócio bom ir para os Estados Unidos.

T.I. – Foi bom, lá eu conheci muita gente também que fazia o karatê kiyokushin, chama-se...

F.M. – Nos Estados Unidos?

T.I. – Esqueci o sobrenome dele, mas era um dos professores da kiyokushin¹⁸. Conheci o pessoal da kiyokushin lá, mas eu fui assistir uma aula deles e fiquei apavorado com o sistema de treino, “isso é pra animal, não é pra ser humano não” [risos].

F.M. – Do kiyokushin?

T.I. – É.

F.M. – Mas lá nos Estados Unidos o Senhor continuou praticando Shotokan, encontrou academia de Shotokan?

T.I. – Na Califórnia, Boston Bulevar, na avenida principal Federação Americana de Karatê, Sensei Mishima era o principal lá. E treinei lá com ele, fui graduado lá. Aí fui pra

Hawai, conheci o Sensei Assai, Sensei Assai é essa pessoa que tá aqui, me parece que um dos descendentes do Sensei Funakoshi. E veio uma vez, não se ele era venezuelano, veio procurar um pessoa aqui, por que eu não estava interessado em filiar a ninguém não. Por que eu me filiei ao Sensei Kanazawua, foi muito bom, mas a filosofia dele aqui no Brasil é muito difícil de lidar...

F.M. – Qual o estilo?

T.I. – SKI, Shotokan mesmo. Por que ele é descendente da... Como chama? Kademyô Shiokay, Shotokan também. E ele tem boa filosofia, só que o homem que representa ele aqui no Brasil tem péssima índole. Não quero criticar ninguém, mas é muito difícil...

F.M. – Não bate com sua filosofia...

T.I. – Não bate. Tanto é que ele montou... Ficou comigo... Na Itália eu falei pra ele: “Sensei pode ficar tranqüilo que eu não venho mais, pode tocar seu karatê que eu desisto”. Vou fazer 80 anos... Isso em 97, foi a última vez que participei do mundial. Aí ele me procurou várias vezes, aí eu falei: “não, chega de sofrer, não quero mais não”. Chegava lá era ele, era ele, era ele... E “eu sou, eu sou, eu sou, e eu quero e eu sou”. Eu falei: “não obrigado, eu quero ser nada não” (risos).

F.M. – Isso no Kiyokushin?

T.I. – Não. No Shotokan mesmo. Isso aqui no Brasil viu! É perigoso. A pessoa que não quer saber de harmonia, não quer saber de paz...

F.M. – Fica um apaixonado pela política...

T.I. – Pela política, pelo poder e dinheiro. O Sr. sabe aqui na América do Sul o Brasil é considerado Terceiro Mundo, no Japão você paga só 50% por que você é do terceiro mundo, mas ele fazei questão de cobrar 100%, “não o preço é esse!” Daí eu já discordava com ele. Eu falava: “eu não estou de acordo com o Sr. por que eles estão dando desconto

¹⁸ Nome sujeito a confirmação.

para que tenhamos sucesso e possa se desenvolver. Agora o Sr. cobra o Sr. está barrando o pessoal de se desenvolver”.

F.M. – Espera aí! Lá para vocês participarem lá no Japão eles estavam cobrando 50%, aí por conta dele ele colocar mais 50% para por no bolso dele?

T.I. – Pois é.

F.M. – Assim?

T.I. – Assim. Vamos dizer que a inscrição são 100 dólar por ano, então aquilo para o Brasil são 50 dólar. Hoje eu não sei como está, ma época era 23 dólar, era pouco, mas ele faz questão de cobrar 100 dólar. Eu mesmo, antes de conhecer o Sensei Kanazawua cheguei a pagar pra ele 100 dólar todo ano.

F.M. – Mas você não sabia que estava acontecendo isso...

T.I. – Não sabia. Quando foi em 1992 pra é que eu soube. “Minha ficha onde está?” Aí ele falou: “não tenho sua ficha”. “Como não tem a minha ficha, eu pago todo ano 100 dólar!” Ele falou: “como? Brasil ninguém paga 100 dólar”.

F.M. – Tudo aqui é 50%.

T.I. – “Como!? Meu é Tomeji Ito...” Eles me conhecia, “mas o senhor não tem ficha aqui”.

F.M. – Eles conheciam, mas você não tinha ficha lá.

T.I. – Não, não tinha ficha nenhuma lá, sou um mero desconhecido. Aí tive que fazer uma ficha nova e pagar aquele preço pra eles, certo?

F.M. – Aí você fez a filiação direta?

T.I. – Aí fiz a filiação direta. Aí o problema dele é tudo é dinheiro. Aí eu fui agüentando, agüentando, né? Aí quanto chegou em 1997, eu falei: “obrigado, foi bom conhecer vocês, mas... Você vê, e eu sou querido, os russos que tem problema me amam, os iranianos, cê tem que ver rapaz, são tudo guarda-roupa, pra são dever quando me vê fala assim: “sensei, sensei”[risos]. Ó pro cê ver eles me adoram. Na Itália inclusive eu estava sendo proibido de participar do torneio, esse do Brasil mandou para o Japão proibir a entrada do Sensei Ito nesse campeonato. Tá bom. Aí eu chego lá, aí todo mundo na fila pra fazer inscrição, eu não precisava, já tinha feito a inscrição aqui no Brasil em maio, em maio já tinha que entregar a inscrição, em maio a minha ficha já estava lá. Aí o que aconteceu? A carta tinha chegado pro Japão, só que a minha ficha na Itália já estava inscrita, quando japonês chega do Japão pra barrar a minha entrada a Itália falou: “não, ele foi um dos primeiros que se inscreveu. E como que vai fazer? Você vai proibir ele de participar? O Senhor é japonês, eu sou italiano, quem está coordenando sou eu, ele vai participar por que ele mostrou a honestidade dele. Agora o camarada chega aqui com esse monte de aluno pra fazer inscrição nesse último momento? Esse eu não aceito”. Ele ficou fora e eu fiquei dentro. Cê vê como aconteceu a coisa. Aí ficou aquela briga interna do sujeito, né? Sensei o Sr. me desculpe viu, mas não era isso que eu queria fazer, eu quero ser o mais honesto possível. Sempre dei o melhor de mim para fazer as coisas.

F.M. – Mas dentro da hierarquia do karatê esse professor Kanazawua, ele seria precursor mais do que Sr. do Shotokan? Ele veio do Japão como representante?

T.I. – Não. O Kanazawua é do Japão.

F.M. – Ele não estava aqui no Brasil?

T.I. – Não, não. Ele tem a sigla dele é Shotokan Internacional Karatê-Do Federation. É do Japão. A federação dele é uma das maior do Japão, ele é aluno direto do Sensei Nakayama, que é aluno do Sensei Funakoshi, né? E o Sensei Nakayama andava pelo e Sensei Kanazawua levava ele com ele, pra participar dos treinos e seminários, né?

F.M. – Então na realidade o que aconteceu foi o seguinte: você estava filiado a Shotokan Internacional, aí em 1992 o Senhor se desfilou da WKF que tem todas as federações.

T.I. – Já era filiado à WKF, eu sou filiado direto da WKF, mas o que eu digo aqui, eu não quero falar o nome aqui é brasileiro, japonês-brasileiro, ele é militar, não é de São Paulo é do Rio. Então ele gosta muito dinheiro, gosta demais. Gosta de poder, então é o homem que arruma encrenca.

F.M. – Ele era militar brasileiro?

T.I. – É militar brasileiro. Ele era sargento na época. Ele queria mandar aí eu falei: “péra aí Sensei, eu não sou soldado, eu sou um professor de karatê iguaisinho ao Sr., se o Sr. é mais do que eu não eu não mais do que ninguém. Eu estou aqui para ajudar o Sr. pra trabalhar em prol do Brasil”. Mas, ele não quer saber do Brasil ele quer saber dele, do bolso dele. Aí eu percebi isso em Milão, quando ele ficou lá em cima, com muito ciúme, eu vi o ciúme dele. É incrível viu. Os alunos dele não participaram, nem ele participaram, ele que mandou uma carta pro Japão pra não deixar meu grupo participar teve que ficar de fora. Ele chegou só no dia do campeonato para fazer inscrição lá e o meu em maio já estava lá e o campeonato foi em outubro.

F.M. – Quando abriu inscrição o Sr. já fez.

T.I. – O meu já estava, foi um dos primeiros inscrição que tava lá. Aí o que aconteceu? Virou tudo contra ele. Aí o Brasil ficou em terceiro lugar, e todo mundo vinha me cumprimentar e ele ficava lá em cima. Então o representante do Brasil é o professor Ito, não tem outro. Então você vê, hoje eu tem uma aluna de Sergipe que vem treinar comigo, quando ela tinha 17 anos foi pro Tobago, participar de mundial, lá japonês fala assim: “volta pra Brasil, treina com Sensei Ito”. É um dos melhor professor... Tecnicamente talvez não, mas o coração dele é muito. E ela veio... Sabe de onde ela veio? Veio de Aracaju, foi pra Foz do Iguaçu, quando soube que eu ia dar um curso em Foz do Iguaçu ela foi encontrar, tinha 17 anos, né? Eu não tenho fotografia dela aqui que não trouxe, mas...

F.M. – Tem a há ver com aquele recorte de jornal ali onde está escrito “Tomeji Ito ministra curso em Foz...”?

T.I. – Isso! Isso. Que eu fui lá. E ela veio me encontrar comigo, fez o curso comigo, mas a maior parte em Foz do Iguaçu é tudo faixinha branca (risos e tosse). Mas, fiz o que podia pra ajudar ela também, né? Aí em dezembro, em novembro ela já estava aqui em São Paulo e fez noventa dias treinando comigo aqui. E ano passado ela foi pro Argentina, se filiou a Budokai aqui em São Paulo, saiu e Sergipe, da federação de lá pra cá, está filiada a Federação Paulista de Karatê, eu tava com fotografia aqui, que ela mandou e-mail, né? Quando ela foi campeã aqui em São Paulo.

F.M. – Vamos voltar um pouco.

T.I. – Pois não.

F.M. – Até pra encerrar eu tinha duas perguntas assim mais...

T.I. – Pois não.

F.M. – Quando o Senhor voltou dos Estados Unidos em 1970... Bom o Senhor saiu e já um tinha um número relativo de alunos... E eu queria saber o seguinte, se quando o Senhor voltou na década de 70... A década de também é a década que começou os filmes do Bruce Lee, e eu queria saber se o Sr. percebeu algum aumento...

T.I. – Isso! Houve, houve muito aumento. Houve um diferença muito grande sabe. Cê vê, um estilo completamente diferente, mas para o povo não interessa o que interessa é que é uma arte marcial. Então no karatê aumentou muita gente, sabe? Agora teve antes melhor, teve melhor que teve época eu tinha 400 alunos na minha academia, eu tinha que fazer grupo de domingo a domingo de tanto praticante que tinha.

F.M. – É, o pessoal conta que de quadra inteira completa de alunos...

T.I. – Por exemplo, aqui hoje cada aula são vinte alunos, é pequeno o salão, mas pra mim é o suficiente e é bom, né? E de eu pra cá pra cima, era aqui em baixo e tiraram e construíram tudo... O Sr. tem que ver tinha bastante, uma media de 120 alunos. Aí entrou

aquele... Fernando Collor de Melo, aí caiu, aí entrou o Fernando Henrique do URV, que era transição da moeda, foi caindo, caindo, aí chegou sabe quantos alunos? Trinta alunos!!

F.M. – De 120!

T.I. – Aí eu falei: “vai ter que fechar por que, não vai dar pra pagar o aluguel”. Aí como venderam aqui eu aluguei aqui, só que o salão lá era muito pequeno, aí eu tava dando aula um ano depois surgiu esse salão aqui, né? Hoje tenho uma média de 50 alunos aqui, que dá pagar o aluguel. Por que aqui o aluguel é muito caro nesse bairro aqui...

F.M. – Eu imagino.

T.I. – Meu Deus do céu... O condomínio aqui é 400 reais, não tem nada... Só o condomínio já é uma nota.

F.M. – Uma outra questão é a seguinte... Hoje tem a questão do Conselho de Educação Física e as academias de artes marciais, como é que está isso?

T.I. – O CREF, né? Eu não sei como é que está sendo, inclusive...

F.M. – Por que eles se dizem no direito de chegar e fechar a academia.

T.I. – Não esse direito.

F.M. – Mas, eles acham que tem.

T.I. – Eu não estou metido no meio disso aqui, mas a Federação está um dos diretores da Federação que é Wladimir Romilton ele faz parte da CREF, ele que organiza aqui na Federação, muitas associações não aceitam isso, não aceita e não aceitaram nunca, e já entraram em processo tudo e acabaram vencendo, por que CREF não tem direito de fechar academia nenhuma. Por que é muito dinheiro que cobram, né?

F.M. – Do próprio profissional também...

T.I. – Eu dei um curso, uma palestra lá Clube Paulistano, não sei se você soube, foi dia mais frio do ano, nossa! Estava um frio tremendo! E lá dentro tudo fechado, aquele ar condicionado que sem nada você transpirava. E eu dei um curso e dei também uma palestra falando sobre o karatê antigo que funciona desta maneira. Agora quem quiser aceitar que aceita não é obrigado. Tem gente que prefere o karatê moderno, que não tem filosofia nenhuma.

F.M. – O esporte.

T.I. – É. Que é o esporte. Eu não sou contra o esporte, eu sou a favor, mas que vocês também saibam outra parte do karatê que é o desenvolvimento do homem. Que o Homem o que é? É tridimensional, corpo, mente e físico. Homem confunde muito, fala assim: “eu sou um corpo, tenho uma alma, e o espírito mora dentro de mim”. É o contrário, eu sou um espírito, possuo uma alma, e moro num corpo, por isso que esse corpo é o templo sagrado do Deus vivo. Esse aí não pode haver uma enfermidade uma doença, uma dor, esse é o que Deus nos ensina. Deus nos deu esse corpo para que nós conservássemos ele bom, então por isso que sou a favor da parte esporte, por que aí não existe contato violento pra machucar o nosso corpo, porque ele é o patrimônio de Deus.

F.M. – Por outro lado, o karatê esporte só a parte física...

T.I. – É.

F.M. – Entrevistando um mestre coreano de taekwondo, ele dizia bem isso, que o taekwondo esporte é aquele que aparece por que aquilo é 10% do taekwondo...

T.I. – [risos] Tá perdido! A pessoa precisa buscar.

F.M. – A pessoa precisa aprender de outra forma.

T.I. – Eu digo o mesmo.

F.M. – Como se fosse um iceberg só aparece a ponta...

T.I. – Então eu aqui prego essa filosofia de vida, hoje mais baseado... Naquele tempo era mais baseado na filosofia do Zen Budismo, que eu fui budista durante toda a minha vida... Eu perdi essa visão. Por causa de pressão alta e aí não podia mais dirigir o carro e falei: “bom minha vida acabou”.

F.M. – Isso foi quando?

T.I. – Foi em 1999. Aí usava aquela lupa pra poder enxergar, mas enxergava a televisão assim tudo apagado, mas pela televisão ouvi e embassadamente, também vi que Deus existia pra dar saúde pra pessoa e diabo vem pra roubar matar e destruir. Mas Deus mandou seu filho para que nós tivéssemos vida e vida em abundância. Baseado nisso é que me segurei. “Espera aí, é isso que eu quero”. Aí peguei o endereço direitinho e fiquei cristão. Eu achava que esse era o caminho e tive fé, tive força e fui. A segunda vez eu já estava com ácido úrico. “Bom até ano 2000 tem que dá um jeito que até fim de anos 2000 não chegar” Que doía muito, sabe? Ácido úrico dói muito, não sabia onde não doía. Aí passando na Avenida Ipiranga bateram a minha carteira, roubaram dinheiro, talão de cheque, cartão tudo, né? E eu não vi bem, não enxergava direito também não sei pra lado a cara fugiu. Aí eu levantei as mãos para o seu disse: “Demônio, devolve tudo o que é meu que me pertence por direito divino, em nome de Jesus!”. Quando passei da avenida veio um homem forte e devolveu tudo pra nós, tinha cartão, talão de cheque, dinheiro, meus documentos. Aí levantei a mão pro céu e disse: “muito o brigado Jesus, agora eu sei que o senhor está comigo”. Aí ia indo pra igreja, mas doía tanto que andava muito lento mesmo, aí cheguei à igreja, ia dar o testemunho, mas não deu pra dar testemunho por que cheguei atrasado, só tinha... Por incrível que pareça a igreja lotado, tinha um lugarzinho reservado pra mim. Sentei e assisti o culto, fiz minha oração (tosse). E foi daí que comecei. Hoje estou bem e prego tudo o que aprendi lá e estou aprendendo. Então minha gente, veja bem Deus é convosco. Deus está com as mãos estendidas pra gente e a gente não sabe segurar na mão dele. Então ele me ensinou que ele mora em mim. Esse corpo é um templo sagrado, então eu sou patrimônio de Deus. Nada depende de mim, só depende dele. Isso que eu prego. Então meus alunos gostam dessas coisas, A partir de 2004, eu fui muito assim... Muito homenagem, inclusive essa de Foz do Iguaçu, a Mariana mandou um... Escreveu

uma... Não tem revista aqui por que eu levei tudo por que nós estamos de mudança. Agradecendo a minha presença na vida dela que foi... Ce vê aí foi pra Argentina agora ela foi campeão sul-americana da Budokai, veio aqui pra São Paulo fez exame pra Sho Dan, passou. É engraçado que se juntasse mais Mariana. Tem a Mariana de 13 anos, pesa 37 quilos, foi pra Argentina também comigo, chegou meia noite aqui no aeroporto, eu não sabia, chego lá encontro ela pequenininha dormindo no banco. Ai eu perguntei: “você é Mariana?” São duas Marianas, né? Então lá, ela é pobrezinha, pequena, mas tem uma iniciativa muito grande. Sabe quem patrocina ela? Ela veio de Vitória. Chocolates Garoto. E esse ano quando ela for embora você pode vir falar: “em nome de Jesus vai que você vai receber outro patrocínio”. Hoje ela é patrocinada internacionalmente. Veio agora, essa semana agora que passou. Ela veio na sexta-feira e no sábado ela fez treinamento para seletiva para o brasileiro. Cê que vê que coisa, né? Uma coisa atrás da outra, só bênçãos.

F.M. – Pra terminar então. O Senhor começou a Karatê Shotokan na década de 1950, né?

T.I. – É

F.M. – E nessa historia toda até 2005 que a gente está agora teve esporte, teve Federação, mas o desenvolvimento do próprio Shotokan. O Senhor percebeu alguma coisa de mudança grande no Shotokan, por um lado pelo próprio desenvolvimento dele, mas por outro pela própria característica dos alunos que vão buscar o karatê na questão estar vivendo numa cidade que é mais rápida, um cotidiano que a pessoa a querer respostas mais rápidas a muitas vezes ter que se defender da violência urbana. Como foi isso?

T.I. – É eu acho que houve sim, mas não tem tido muito o meu conhecimento, o que o povo quer... Que os professores que dão aula, eles querem vitórias, querem uma medalhinha pendurada no pescoço, é só isso. Então eu acho que perdeu muito a filosofia de vida que nós pregamos que outros professores não pregam hoje. Então veja bem, eu tenho o pessoal de Campinas, são muito forte, que segue a minha filosofia, pessoas de Limeira, e as pessoas que procuram mais, que é mais interessado é pessoal de Taubaté do Vale do Paraíba.

F.M. – Eu sou de lá, eu sou de São José dos Campos.

T.I. – Pois é. Em São José dos Campos, eu tinha um aluno muito bom, mas hoje ele está desse tamanho... Ele era instrutor, professor lá do GM lá de São José dos Campos (tosse). E lá do Taubaté tem hoje a Franciso... José Francisco Monteiro, já ouviu falar dele?

F.M. – Acho que já.

T.I. – Ele é o que mais interessa, inclusive ele escreveu... Nós estamos lançando livro. Ele escreveu uma parte que mandou para publicar no livro, que ele veio pra São Paulo... Pra ele não é fácil vir, e toda semana pra treinar o karatê. Ele vem por que só Sensei que dá aula e outros professor não viria. Por que outros professor querem o quê? Karatê competição, só vitória e chamar aluno para academia dele, e o Sensei Ito não quer isso. Não é aluno o que ele quer, ele quer um bom praticante, uma boa pessoa pra uma formar uma boa pessoa pra sociedade. Isso que... Nós estamos terminando o livro, está com 127 páginas.

F.M. – É pela editora Conrad.

T.I. – É Conrad, vai ser publicado. Eles estão muito interessado na filosofia de vida, inclusive na câmara municipal que o Aurélio Miguel fez um... Encontrei como professor Evaldo Messias que é um dos diretores da interestilos, 35 anos com isso. Encontrei com ele, dei aula pra ele, ele é segundo grau meu, isso há 35 anos atrás. Nós encontramos agora e eu disse uma mensagem que fui o último a falar, né? Nós 35 anos depois nós encontramos agora federações diferentes, mas continuamos com os mesmos objetivos, ensinar aquilo que nós procura: educar todas as pessoas que necessita, pra ser filho, bom companheiro, bom pai. E isso encerrou o negócio e foi maravilha, viu?

F.M. – Obrigado pela entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]